



(REPORTAGEM ESPECIAL)

Ainda há uma **chance**

A probabilidade de se achar um doador compatível era de um em dez milhões, mas os pais de Kailee jamais desistiriam até encontrá-lo.

POR GARY SLEDGE



À medida que Kailee lutava para viver, seus pais, Linda e Owen Wells, procuravam desesperadamente pela única pessoa que poderia salvá-la.

No inverno de 1997,

um bebê foi deixado em uma escola para professores na cidade de Changde, província de Hunan, China. A pequenina tinha o rosto redondo, os cabelos pretos e ouvidos como pétalas de porcelana. Ela foi levada a um orfanato, e seu destino estava nas mãos de estranhos, até um dia de março de 1998.

Linda e Owen Wells aconchegavam-se num corredor escuro de um sinistro prédio do governo em Changsha, na China. Esperavam o “ônibus dos bebês”. Depois de meses de entraves burocráticos, o casal americano fora à China buscar a filha adotiva.

Linda, uma mulher baixinha e enérgica, andava de um lado para outro, remexendo os documentos oficiais, as fraldas e as mamadeiras. Owen, calmo, mas cansado da longa noite de espera, olhava com expectativa pela janela. Finalmente, viu uma caminhonete estacionar. Nove jovens “tias”, funcionárias de orfanatos, saíram levando no colo embrulhos que se contorciam.

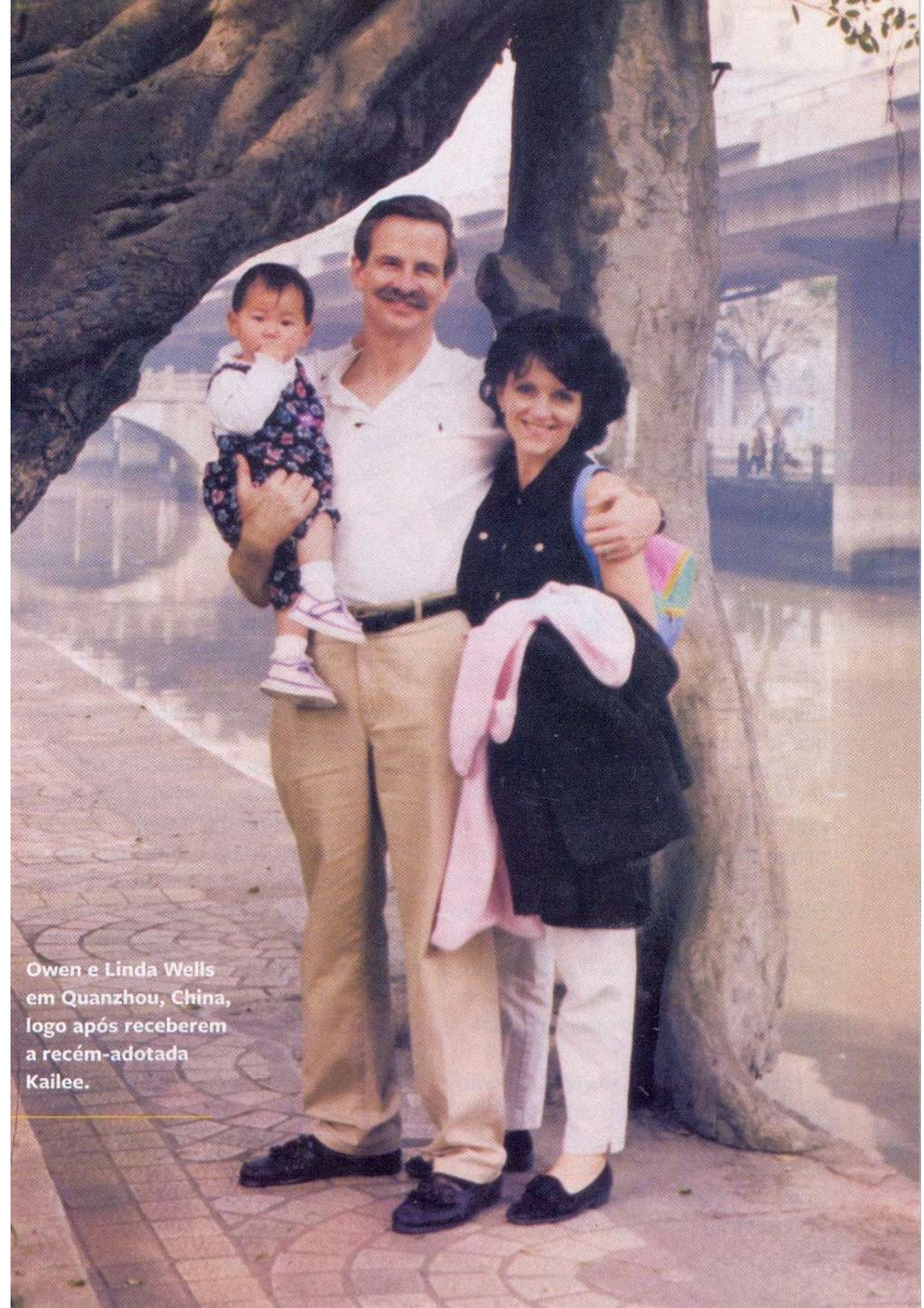
O casal reconheceu na hora o seu bebê, pela fotografia 3 x 4 que lhes tinham enviado meses antes. Era redonda como uma almôndega, vestida

com sete camadas de roupa, um gorro de tricô amarelo enfiado na cabeça.

Com todo o cuidado, a tia entregou o bebê a Linda, cujos olhos se encheram de lágrimas. A irritada menina de 1 ano reclamou e jogou-se de volta para a tia. Foi Owen quem a acalmou. Pegou a menina no colo e esfregou sua bochecha na dela. Em segundos, o bebê parou de chorar e se aconchegou nele. A cabeça descansou na curva quente do pescoço de Owen, e ela adormeceu.

A menina os escolhera, assim como eles a tinham escolhido. Era uma combinação perfeita.

Ocidentais aventureiros e cheios de energia, Owen e Linda tinham se conhecido 17 anos antes numa escola de pilotos particulares perto de Albuquerque, no Novo México. Owen foi cativado pela mulher magra e atlética



Owen e Linda Wells
em Quanzhou, China,
logo após receberem
a recém-adotada
Kailee.



que pulou do carro no estacionamento. “Espiei o diário de bordo para descobrir o nome e o telefone dela”, diz ele. Casaram-se oito meses depois.

Owen era um ex-fuzileiro que montara uma empresa bem-sucedida de programação visual e serviços gráficos. Linda era mãe solteira, com três filhos pequenos; trabalhava como enfermeira e, à noite, fazia o curso de Direito. Ela começou a trabalhar num escritório e logo se viu às voltas com casos de sequestro internacional de crianças.

A atividade profissional a fez voltar a pensar num desejo antigo: adotar uma menina chinesa abandonada. Era a hora certa. Os três filhos de Linda já eram independentes. Ela e Owen adoravam crianças. Assim, no 15º anivers-

Kailee feliz da vida no verão de 2000, durante um passeio ao Parque Nacional das Montanhas Rochosas, no Colorado.

sário de casamento, decidiram levar outra criança para a família. Foram quase dois anos, mas, finalmente, conseguiam pegar o bebê no colo.

Deram-lhe o nome de Kailee. “Sempre estaremos a seu lado”, prometeram. “Você nunca mais ficará sozinha.”

Linda e Owen levaram Kailee para o Novo México, onde ela cresceu depressa, esperta, generosa e sociável. Owen gravou em vídeo seus primeiros passos hesitantes no piso de lajota branca da cozinha e a festa de Natal com Kailee em meio a uma família unida e amorosa. Bronzeada pelo sol

do Novo México, ela se tornava uma menina americana saudável. “Era uma coisinha tão animada, tão curiosa”, diz Linda. “Ela renovou o nosso processo de sermos pais. Tinha muitos amigos, e adorava se arrumar e brincar com uma gatinha que chamou de *Rosie*.”

O futuro de Kailee se estendia à sua frente, seguro e promissor.

Então, alguns dias depois da sua festa de 5 anos, em meados de janeiro de 2002, Kailee ficou gripada. Quando a febre chegou a 40 graus, Linda e Owen levaram-na ao pronto-socorro, onde lhes disseram que a menina estava com

cava o caminho que a menina deixara pelo chão de madeira encerada.

Kailee se aconchegou no colo de Linda enquanto Owen ia buscar toa-lhas. O nariz dela já sangrara antes, mas não assim. Owen e Linda discutiram se deviam ou não sair correndo pelas estradas escuras e geladas até o pronto-socorro. Mas, quando a hemorragia diminuiu, enfiaram-na na cama com eles. Linda dormiu vestida, com tênis e tudo, pronta para sair a qualquer momento.

Na manhã seguinte, correram para a Clínica Pediátrica Northside, em Al-

Um rastro de gotas de sangue marcou o caminho de Kailee pelo chão do quarto.

uma virose e que devia tomar Tylenol, suco de laranja e ficar de repouso.

Aquela noite de 15 de janeiro estava muito fria na montanha perto de Albuquerque, para onde a família tinha se mudado: o lar dos seus sonhos, uma enorme casa de madeira. Kailee, porém, ainda ardia em febre. Deram-lhe Tylenol, puseram-na na cama e apagaram a luz.

Às 23h20, Kailee acordou. A blusa do pijama estava molhada. Tonta e febril, ela desceu a escada até o quarto dos pais e foi até Linda. “Mamãe”, disse, “meu nariz está sangrando.”

Linda acordou na mesma hora e acendeu a luz. Kailee estava banhada em sangue. O pijama estava todo vermelho. Um rastro de gotas escuras mar-

buquerque. Ao entrarem, o pediatra de Kailee deu uma olhada no rosto pálido da menina e ligou para o vizinho Hospital Presbiteriano. “Vocês devem ir para lá agora!”, disse aos Wells.

Owen deixou-as na entrada principal, e Linda levou Kailee direto para o sexto andar, onde ela foi conduzida para além das portas de vidro da UTI.

Hoje, em retrospectiva, os pais percebem que naquele momento cruzaram o portal de um universo em que transfusões, exames, tratamentos experimentais, dúvidas e medo consumiriam anos de suas vidas. Para Kailee, era um mundo repleto de adultos de jaleco branco e quase sem crianças, que representavam ameaça de infecção.

Kailee ergueu os braços e ficou parada enquanto Linda, entorpecida, enfiava nela a roupa do hospital. As enfermeiras e os intensivistas corriam de um lado para outro, verificando o coração de Kailee e pesando-a, enquanto Linda preenchia formulários de autorização. Quando a menina se acomodou na cama, enfiaram uma agulha em seu braço para colher sangue. O médico ordenou uma transfusão e uma punção da medula óssea

cias, leucócitos, plaquetas. Linda sabia que as plaquetas eram o fator mais importante na coagulação. Isso explicava a hemorragia, mas qual seria a causa? Teve uma ideia assustadora.

- É leucemia? - perguntou.

Quando lhe disseram que poderia ser um vírus, uma reação ao ibuprofeno, leucemia ou coisa pior, Linda perguntou outra vez:

- O que seria pior?

- Anemia aplásica - disse o médico.

Kailee poderia ter pouco menos de três meses de vida se não respondesse ao tratamento.

com biópsia para o dia seguinte. "Como é o procedimento?", perguntou Owen, tonto com a rapidez dos acontecimentos. "Vai doer?" Os médicos explicaram que Kailee seria anestesiada e não sentiria nada. Em outras palavras, Owen percebeu que ia doer.

A biópsia é feita com uma agulha com ponta tipo saca-rolhas inserida até o osso da pelve. Ali, a ponta perfura o osso até a medula líquida que há lá dentro e suga uma amostra.

Quando acordou da anestesia, Kailee começou a rir. "Por que tem balões ali?", perguntou ela, alegre, apontando o pé da cama. Não havia balão algum. Embora não se lembrasse, tinha doído.

Os primeiros resultados chegaram logo. Um médico disse a Linda que todos os elementos do sangue de Kailee estavam com nível baixo: hemá-

Depois de um fim de semana de preocupação, os resultados conclusivos chegaram na segunda-feira seguinte. Owen e Linda foram chamados para uma conversa. Disseram-lhes que Kailee tinha mesmo anemia aplásica grave, doença em que a medula óssea para de produzir em quantidade suficiente hemácias, leucócitos e plaquetas fundamentais para a vida. Doença raríssima, a anemia aplásica afeta cerca de três pessoas em um milhão nos Estados Unidos. Na Ásia, atinge cerca de 15 pessoas por milhão.

Linda e Owen ficaram perplexos.

- E o que isso significa? - perguntou Owen.

Se não reagisse ao tratamento, Kailee talvez só tivesse três meses de vida.

Owen afundou na cadeira. Mas Linda se levantou e socou a mesa de reunião.



– Nada disso! – gritou ela. – Isso não vai acontecer!

Cinco anos antes, Kailee fora abandonada pelos pais. Mas os pais que a salvaram quando bebê nunca a abandonariam.

Na terça-feira, 22 de janeiro de 2002, Kailee foi transferida para o Hospital da Universidade do Novo México, especializado em doenças pediátricas. Na quarta-feira, os médicos pediram outra biópsia, a segunda das mais de 20 a que Kailee teria de se submeter. Disseram a Linda e Owen que as células-tronco sanguíneas da medula de Kailee estavam quase mortas. A menina tinha uma porcentagem baixíssima de hemácias, leucócitos e plaquetas.

O transplante de células-tronco de

Kailee no Hospital Infantil do Wisconsin antes de seu primeiro transplante de medula óssea, em janeiro de 2005.

um doador compatível é o melhor tratamento para a anemia aplásica em crianças. Como regra, os doadores mais compatíveis são da mesma família. Mas, como os parentes de Kailee eram desconhecidos, a equipe do hospital teve de recorrer a bancos de dados de doadores.

Na época, havia 3,6 milhões de doadores registrados nos Estados Unidos. Nenhum era compatível com Kailee. Uma assistente social do hospital disse a Linda e Owen que talvez fosse impossível encontrar um doador. Seria melhor tentar outros tratamentos.

O segundo melhor tratamento era a infusão, na corrente sanguínea de Kailee, de globulina antitimócito (GAT), substância extraída do sangue de cavalos, aliada a doses de esteroides e ciclosporina, medicamento que ajuda a suprimir o sistema imunológico, como faz a GAT. Na anemia aplásica, o sistema imunológico ataca e mata as células-tronco sanguíneas.

Como na quimioterapia, os tratamentos com GAT deixam os pacientes exaustos, irritados e fracos. O rosto e o corpo de Kailee também começaram a inchar, por causa dos esteroides. Ela ficou com pelos no corpo, e, às vezes, tinha acessos de raiva. Logo após um dos tratamentos, Owen foi visitá-la. De-

Owen afastou a cadeira da cama, para lhe dar mais espaço. Aquela não era a menininha que ele conhecia.

Depois de uns 10 dias na UTI, Kailee pôde ir para casa, mas só para começar uma rodada interminável de mais tratamentos nos dois meses seguintes, enquanto sua saúde piorava. Tinha febre e hemorragias nasais intensas, que exigiam outras transfusões e doses mais fortes de esteroides. Owen e Linda assistiam, impotentes. Com o avanço da doença, os Wells decidiram vender a casa na montanha e comprar outra na cidade, perto do hospital.

O tratamento com GAT não estava funcionando. Linda procurou alternativas

“Saia daqui. Saia daqui”, Kailee gritou. Aquela não era a menininha que Owen conhecia.

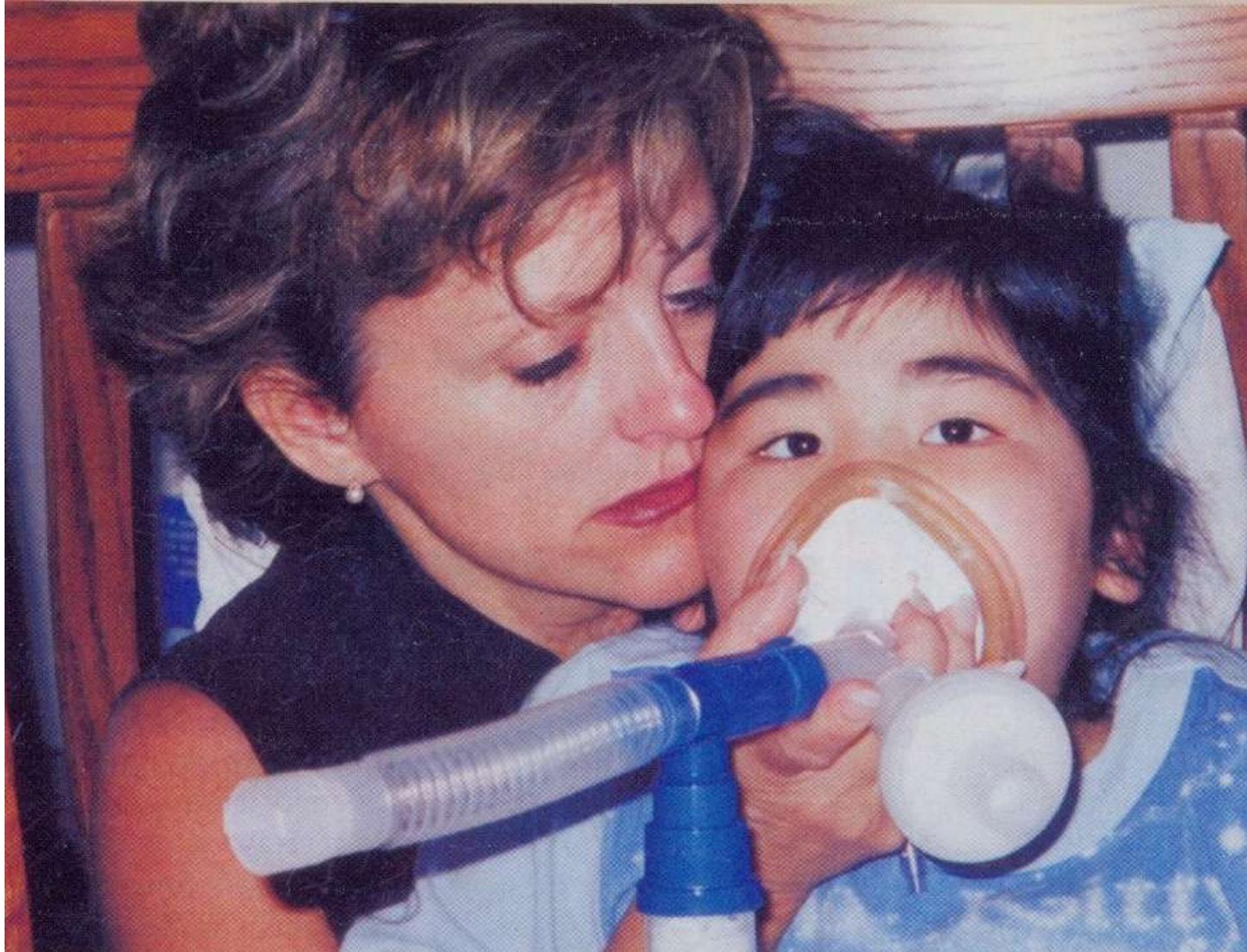
pois de se lavar e vestir avental e máscara, ele puxou uma cadeira e sentou-se junto à cama. Ela sequer ergueu os olhos. Kailee pintava furiosamente um grande livro de colorir.

– Quer que eu leia para você, querida? – perguntou Owen. Kailee não respondeu e continuou a rabiscar com força. Tentando confortá-la, ele começou a falar.

– Agora, não, papai – gritou ela. – Agora não! – Arrancou páginas do livro, amassou-as e jogou-as do outro lado do quarto. – Vá embora. Vá embora!

e acabou encontrando um médico que trazia alguma esperança. Era o Dr. David Margolis, especialista em transplantes pediátricos de medula óssea do Hospital Infantil do Wisconsin e um dos maiores especialistas em anemia aplásica do país. “Não posso prometer curá-la”, disse Margolis, ao telefone, “mas farei todo o possível e a tratarei como se fosse minha filha.”

Antes que a família se instalasse na casa nova em Albuquerque, Kailee e a mãe foram para Milwaukee, a fim de continuar o tratamento. Owen ficou,



num lugar que parecia mais um acampamento do que um lar. Nada estava arrumado. Durante o dia, ele trabalhava no quarto-escritório bagunçado, entulhado de arquivos e caixas semiabertas.

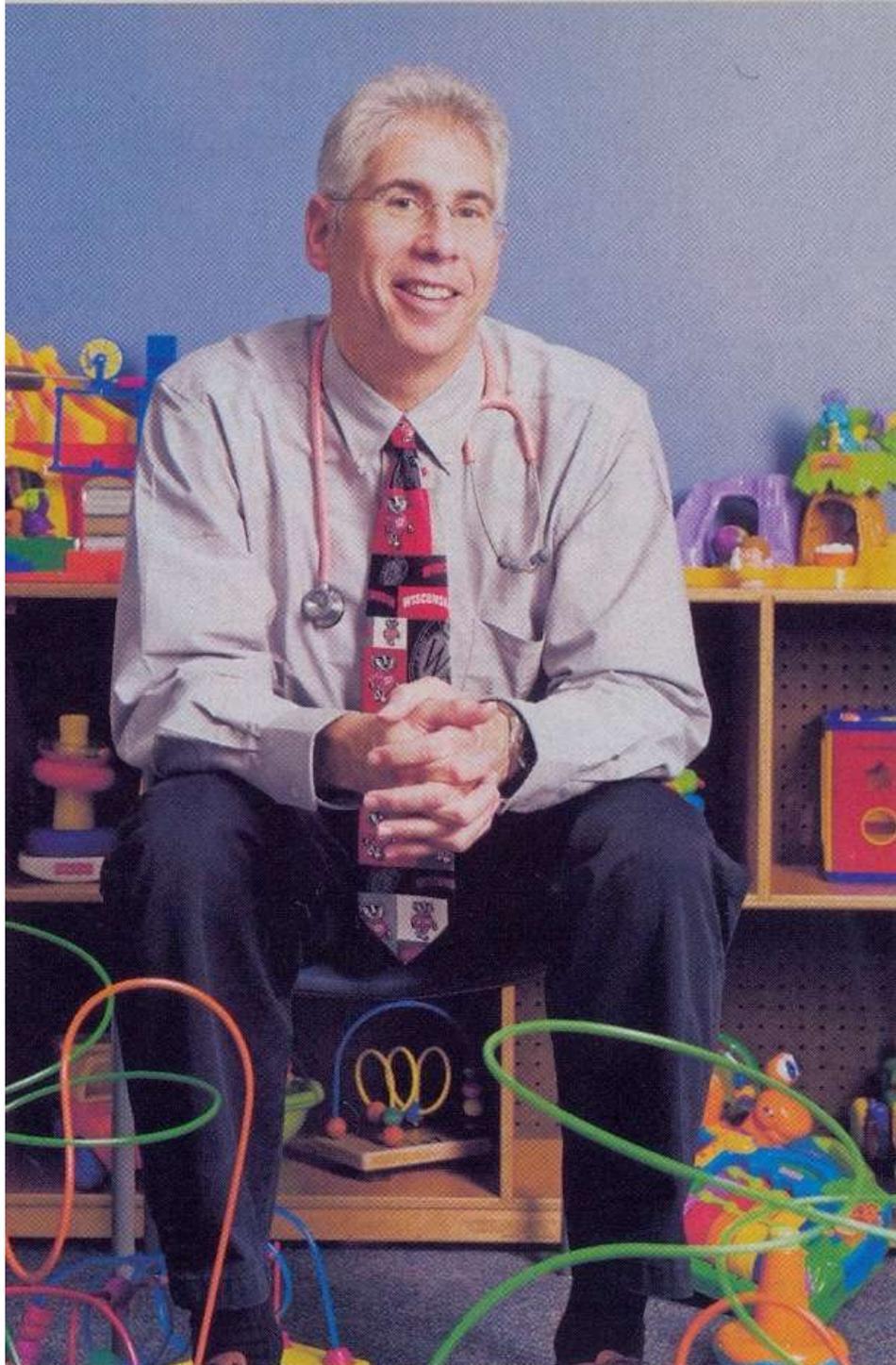
À noite, continuava na mesma cadeira, colado ao computador ou ao telefone, trabalhando para salvar a filha. Se não houvesse doador compatível registrado, ele começaria uma campanha para encontrar algum. A princípio foi um esforço isolado, mas logo o Programa Nacional de Doadores de Medula Óssea se uniu a ele.

Em Milwaukee, Kailee entrou timidamente na Clínica de Hematologia e Oncologia do Hospital Infantil. O Dr. Margolis a recebeu com um estetoscópio rosa no pescoço. Ela gostou do seu jeito tranquilo e destemido.

Kailee detestava as sessões mensais de tratamento para prevenir infecções pulmonares. “Era penoso respirar naquilo por 15 minutos”, diz Linda.

Parte do talento de Margolis é saber explicar problemas médicos complicados a pais assustados. “Imagine um jardim no qual as sementes foram atacadas por alguma coisa”, esclarece ele. “As células-tronco sanguíneas são como as sementes. Produzem sangue. Se morrerem ou secarem na medula óssea, o jardim murcha.” Margolis explica que o seu objetivo é descobrir um modo de restaurar as sementes.

Kailee e a mãe mudaram-se para a Casa de Kathy, residência que abriga as famílias enquanto os entes queridos



O Dr. David Margolis deu esperança aos pais de Kailee. “Farei todo o possível e tratarei sua filha como se fosse minha”, disse a eles.

fazem o tratamento no hospital. Seria o seu lar durante cinco longos meses, de 5 de maio a 9 de outubro de 2002.

Havia um parque próximo, e, nos dias de intervalo entre os tratamentos em que se sentia forte, Kailee gostava de ir até lá. Adorava a sensação de voar

no balanço. Era um alívio, um descanso da rotina entorpecedora das idas diárias ao hospital.

À noite, Kailee lia livros ilustrados ou assistia à TV. Não podia mais brincar com as outras crianças; quase sempre, elas eram portadoras de vírus. Assim, ela e Linda passavam as horas no quarto. Ouviam músicas juntas, e Kailee decorou as letras dos musicais *O fantasma da ópera* e *Chicago*. Nem sempre ela acertava as palavras. Num dia frio, começou a cantar uma música sobre *Frosty*, o boneco de neve. Linda caiu na gargalhada, e Kailee foi até o fim com a apresentação.

Com o tempo, o isolamento teve um efeito depressivo sobre as duas. Linda tinha saudades de

Owen. O estresse e a separação cobravam um preço alto do casamento.

No dia em que fez 50 anos, Linda fez uma lista do que havia realizado em meio século. “Estou desempregada, moro num abrigo com uma criança doente e estou sozinha. Não é bem o que eu queria aos 50 anos.” Durante esse tempo, o Dr. Margolis experimentava vários esquemas medicamentosos com Kailee. Nenhum funcionava.

Desesperado para fazer sua parte e salvar a filha, Owen trabalhou com o

Programa Nacional de Doadores de Medula Óssea para fazer contatos em Honolulu e São Francisco, na esperança de atingir uma população asiática maior. Essas iniciativas aumentaram a conscientização do público – a história de Kailee apareceu na televisão –, mas, apesar das manifestações de solidariedade, nenhum doador compatível apareceu.

Certa vez, depois de arranjar quem cuidasse de Kailee, Linda voltou a Albuquerque para passar o fim de semana. Entrou na casa desconhecida em que Owen estava acampado. Havia caixas empilhadas por toda parte; me-

pela vida da menina; tenho certeza de que o povo vai reagir a isso.”

“Não”, disse Linda. “Kailee precisa de mim, a China não.”

Mas as opções de Kailee estavam se esgotando. Com o tempo, os argumentos de Owen convenceram Linda. Embora a probabilidade fosse mínima, ela concordou em encabeçar a cruzada para achar um doador. Em fevereiro de 2003, foi para a China com planos vagos, tendo apenas o endereço da Cruz Vermelha, em Pequim.

Os obstáculos para encontrar um doador seriam imensos. Um deles era

“Vocês deram vida à nossa filha”,
disse Linda, na China.
“Peço que me ajudem a salvá-la.”

sas e cadeiras jogadas, como objetos num depósito. As roupas e os objetos pessoais dela estavam perdidos na bagunça. Tudo era uma confusão. Ela e Owen se olharam como estranhos. Naquela noite, ela não conseguiu parar de chorar. E também chorou o dia seguinte inteiro.

Ambos estavam exaustos, mas naquele fim de semana Owen pensou num novo plano. Fariam uma campanha para encontrar um doador na China, e ele queria que Linda liderasse o esforço. “Podemos construir a campanha em torno de você. A mãe que volta à pátria da filha para implorar

a crença profunda de muitos chineses de que o corpo deve permanecer intacto. Os chineses tinham medo até de colher sangue para exames, e só havia alguns poucos milhares de nomes nas listas de doadores de células-tronco.

Mas a chegada de Linda foi oportuna. A seu favor, havia a sensibilidade do governo em relação às críticas internacionais sobre o problema das meninas chinesas abandonadas. Agora, ali estava uma mãe adotiva, implorando ajuda ao povo chinês. “Vocês deram a vida à nossa filha. Agora, peço que ajudem a salvá-la.”

Da noite para o dia, Kailee virou ga-

rota-propaganda de um programa nacional de registro de doadores. Onde quer que Linda fosse, as pessoas a chamavam: "Mãe de Kailee!" A imprensa a seguia por toda parte.

O governo pôs todo o seu empenho na campanha, usando sua influência principalmente junto aos profissionais da saúde. Pouco depois de Linda partir da China, 50 mil doadores tinham se registrado.

Mas, em Albuquerque, Kailee continuava a viver no fio da navalha. Para

casal a tomar uma decisão: para o bem da filha e do casamento, teriam de se mudar definitivamente para Milwaukee. No fim de 2003, desempacotaram seus pertences num apartamento no andar de cima de uma velha casa, perto do Hospital Infantil. As acomodações eram bem menos luxuosas que as da linda casa havia muito abandonada na montanha, mas ali a menina estaria perto do Dr. Margolis.

Em certo dia de fevereiro, depois de se instalarem, Linda e Owen traziam

Wang concordou em doar células-tronco sanguíneas para Kailee. "Como recusaria?"

umentar sua apreensão e tristeza, a amada gata *Rosie* foi morta pelo cão do vizinho. Kailee ficou inconsolável. Linda e Owen mandaram cremar *Rosie* e levaram as cinzas para casa. Kailee pouco disse, mas o incidente entranhou-se em seus pensamentos.

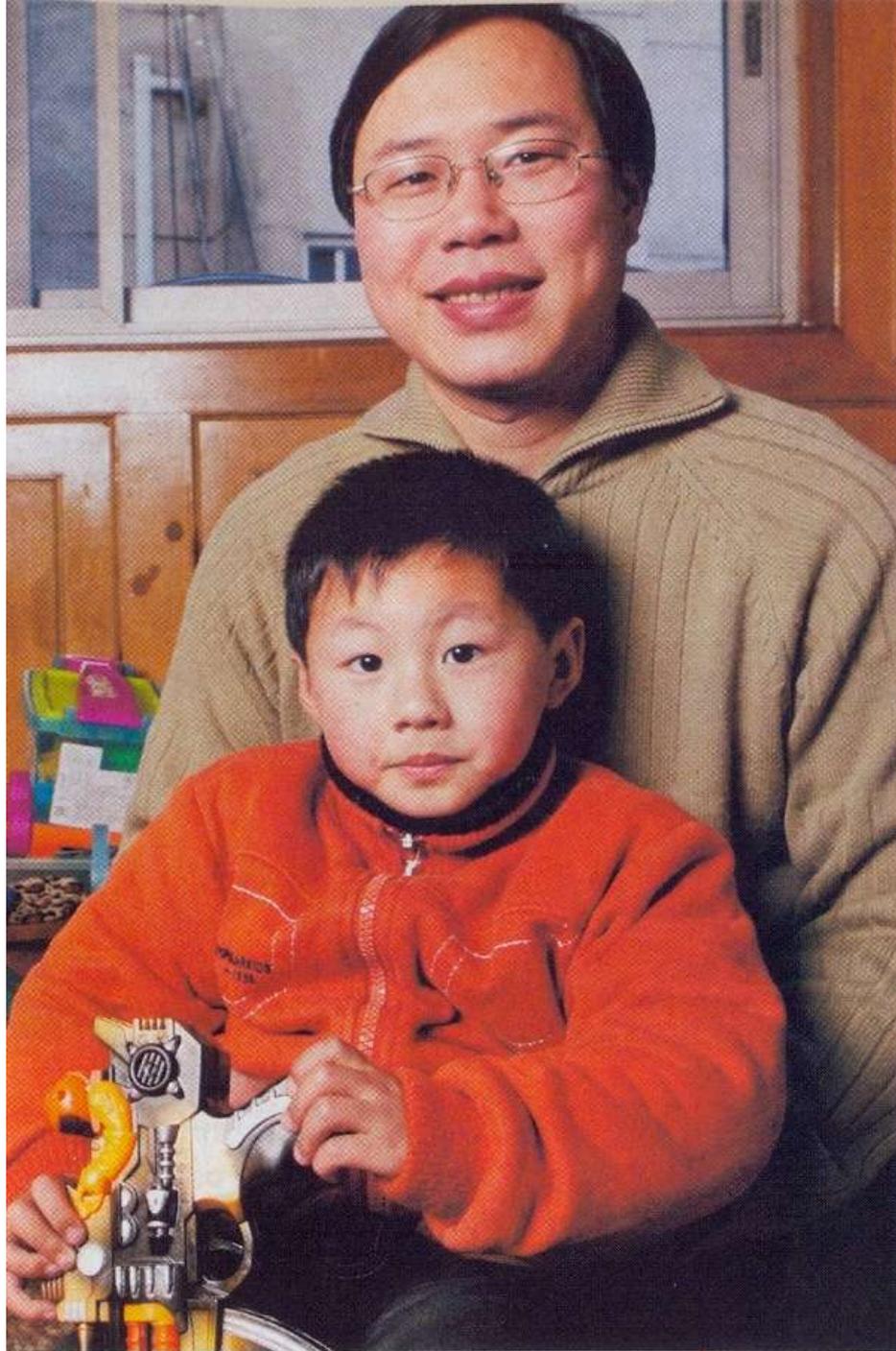
Perto do fim do ano, Linda se perguntou se valeria a pena outra viagem à China. O Dr. Margolis a encorajou. "Achar um doador para Kailee é como procurar agulha em um palheiro", disse ele, "mas, se há alguma possibilidade de encontrar a agulha, esse palheiro é a China."

Linda voltou à China em novembro de 2003, mas, pouco depois de chegar, Kailee piorou, e Linda teve de interromper a viagem. A situação forçou o

Kailee do hospital quando passaram por um cemitério. "Que lugar é aquele?", perguntou a menina. Eles lhe disseram que era um cemitério, onde os corpos são enterrados. Kailee perguntou se poderia visitá-lo algum dia, para saber como seria ficar lá.

"Vamos esperar o tempo esquentar, querida", disse Owen.

Mais inteligente do que a média das crianças na mesma idade, Kailee sempre escutara as conversas dos pais com os médicos. No hospital, muitas vezes ficava quieta, fingindo ler um livro ou assistir à televisão, mas estava mesmo era escutando, tentando entender o que lhe acontecia. A menina, antes extrovertida, ficara mais séria e mais fechada.



Wang Lin, brincando com o filho em casa, na China, considera Kailee sua própria filha.

Depois de passarem pelo cemitério, ela confidenciou a Linda:

“Mamãe, quero ser cremada como Rosie, para ir para casa com você.”

Por fim, com a concordância da família, Margolis decidiu arriscar um transplante de células-tronco.

Uma sino-americana de 52 anos fora identificada como uma possível doa-

dora. Tinha sete dos dez fatores vitais compatíveis com os de Kailee. Não era perfeito, mas possível.

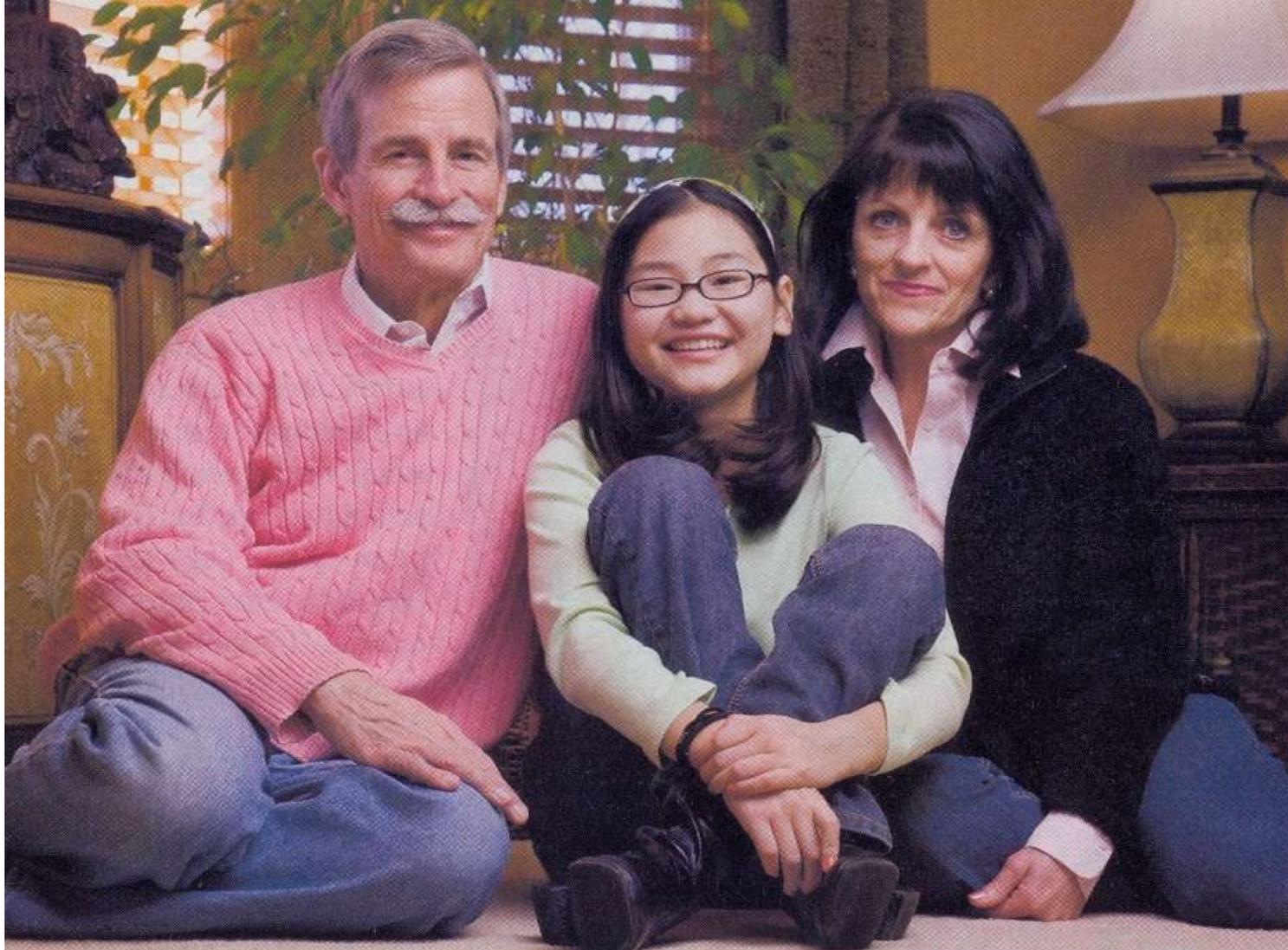
O Dr. Margolis supervisionou o transplante, em 25 de janeiro de 2005, no Hospital Infantil. Isolada e medicada para impedir a rejeição, Kailee ficou quase um mês no hospital. Mas seu corpo acabou rejeitando as células transplantadas. Tudo indicava que só um doador perfeitamente compatível salvaria Kailee.

Embora a segunda viagem de Linda à China tivesse sido interrompida, as campanhas de registro de doadores continuaram no país.

Em 2004, Wang Lin, jovem médico formado na medicina tradicional

chinesa, que trabalhava no Hospital Popular de Fuyang, província oriental de Zhejiang, ofereceu-se como voluntário depois de uma campanha no seu hospital. Ele e um grupo de amigos foram a um posto temporário no bairro financeiro de Fuyang para doar amostras de sangue. Como funcionário público da área de saúde, Wang achou que aquele era o seu dever.

Em setembro do ano seguinte, Wang ia de trem visitar a mulher, que trabalhava em outra cidade. Estava grávida de nove meses, e ele mal podia espe-



Kailee, em casa com os pais, é uma menina de 12 anos que hoje leva uma vida normal.

rar para vê-la. Enquanto o trem avançava, o celular tocou. Para sua surpresa, era um funcionário da Sociedade da Cruz Vermelha da China.

O funcionário lhe disse que ele era perfeitamente compatível com uma menina chinesa que estava morrendo nos Estados Unidos. “Gostaria de doar suas células-tronco para salvar essa criança?”

Wang só hesitou um momento antes de concordar. “Entendi o significado de me registrar”, respondeu ele, “e entendo agora as consequências.”

Quando encontrou sua mulher, Wang lhe explicou os detalhes do procedi-

mento. Ela lhe disse claramente que não queria que ele passasse por aquilo. Temia que lhe provocasse um derrame, como acontecera com o pai dele.

“Não há perigo”, disse Wang para tranquilizá-la. “Sou médico. Como poderia negar?”

Foram necessárias várias semanas para providenciar tudo dos dois lados do Pacífico e para que Kailee fosse preparada para receber o transplante no Hospital Infantil do Wisconsin. Wang também se preparou. Dois dias antes da coleta, médicos do Hospital Dapei, em Pequim, injetaram-lhe substâncias que forçaram as células-tronco sanguíneas a sair da medula óssea e ir para o sangue, onde seriam coletadas.

Em 16 de outubro de 2005, Wang, vestindo um avental hospitalar de mangas

curtas, deitou-se na cama parcialmente elevada. O médico inseriu uma agulha presa a um cateter no braço direito de Wang e outra no braço esquerdo. Os cateteres passavam por uma máquina filtrante: o sangue de Wang circularia pela máquina, as células-tronco sanguíneas seriam extraídas e o sangue voltaria ao seu corpo. Como essas células são raríssimas – apenas uma a cada 10 mil –, o processo levou quatro horas. Wang teve de se submeter ao mesmo procedimento no dia seguinte.

Em 18 de outubro, enquanto se recuperava, Wang recebeu a notícia de que sua mulher entrara em trabalho de parto. Pegou um táxi até o aero-

mentos para que os mecanismos de defesa do organismo não atacassem e matassem as células-tronco de Wang. Para garantir, o Dr. Margolis deu-lhe também uma dose de radiação.

O transplante, que Margolis chama de “a mais gloriosa transfusão”, aconteceu no dia 7 de novembro de 2005. Todos os medicamentos, tratamentos e transfusões, todas as experiências e campanhas de doação se resumiram a 30 a 60 minutos de transferência das células-tronco sanguíneas de um jovem médico na China para uma garotinha nos Estados Unidos – duas pessoas que não se conheciam, mas compartilhavam alguma familiaridade genética.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Wang pegou Kailee nos braços e abraçou-a depressa.

porto e chegou ao hospital em que ela estava, às seis e meia da tarde.

À cabeceira da cama da esposa, descobriu que ela e a criança estavam em sofrimento. Foi afastado pelas enfermeiras, que levaram a mulher para a sala de cirurgia, onde seria feita uma cesariana. E se ele tivesse salvado uma criança para perder a sua?

Naquele momento, as células-tronco de Wang estavam num recipiente com temperatura controlada a caminho do Hospital Infantil americano.

Durante dias, Kailee vinha recebendo prednisona e outros medica-

Os primeiros sinais foram bons. Mas algo deu errado: todas as contagens sanguíneas de Kailee caíram.

Entretanto, o procedimento não fora um fracasso total; Kailee não rejeitara as células de Wang. Poderiam tentar outra transfusão. Wang concordaria em passar por outra extração?

A resposta dele foi positiva.

Wang voltou a Pequim em fevereiro de 2006 para a segunda extração. Em Milwaukee, Kailee recebeu uma nova transfusão. Dessa vez, as células saudáveis de Wang entraram na medula óssea e lá ficaram.

Depois de mais de quatro anos de sofrimento, Kailee começou a produzir células sanguíneas suficientes por conta própria.

Cem dias depois do segundo transplante, Kailee pôde ter contato com outras crianças. Brincar em festinhas. Fazer traquinagens, arrumar-se e brincar de boneca com as amigas. Sua solidão estava chegando ao fim.

Em dezembro de 2007, Kailee, então com 10 anos, teve forças para viajar até Pequim, onde a Cruz Vermelha deu uma festa especial para apresentá-la ao homem que lhe dera de presente algo tirado de seu corpo.

Quando o mestre de cerimônias chamou Kailee e os pais à frente para conhecerem o Dr. Wang, a plateia irrompeu em aplausos. De repente, Kailee viu-se erguida por um par de braços fortes. Wang, com os olhos cheios de lágrimas, segurou-a com força. Era pai de um menino saudável de 1 ano, e agora tinha nos braços a menina que considerava sua segunda filha. Afinal, seu sangue corria nas veias dela.

Kailee o abraçou também, e tinha um presente para ele: um retrato emoldurado, onde escrevera: "Você é o meu herói. Vou amá-lo para sempre."

Estamos no Dia do Peixe, 19 de julho de 2008, em Port Washington, no Estado do Wisconsin, uma cidadezinha perto do Lago Michigan, agora o lar da família Wells. Os moradores locais se reúnem para comer peixe com batata frita e tomar cerveja em barracas armadas por grupos cívicos.

Kailee, com 11 anos, tem a graça desengonçada dos pré-adolescentes. Joga futebol com *Tillie*, seu cãozinho, e, às vezes, vence a mãe e o pai no xadrez. Também está escrevendo poesia. Seus versos costumam ser sombrios e reflexivos, como se tudo que enfrentou passasse por um intelecto mais maduro. As viagens para consultar o Dr. Margolis reduziram-se a checapés trimestrais.

Kailee vê um brinquedo no parque chamado Chapéu Mexicano. "Vamos lá", diz a uma amiga que veio com ela. Kailee corre até um assento em forma de balde, pendurado em correntes compridas. Balança as pernas longas, de um lado para outro.

De repente, ligam o motor. Duas voltas e todos gritam. O brinquedo pega velocidade e Kailee ri e se diverte de prazer. Abre os braços para envolver o mundo e voa.

QUASE UMA CAIXA DE BOMBONS

No Dia dos Namorados do ano passado, quando cheguei ao consultório onde trabalho como recepcionista, notei que um homem desconhecido passava de um lado para outro do corredor, com um pacote na mão.

De repente, ele veio, amável, em minha direção:

– Tenho algo para você.

Animada, abri o embrulho. Era uma amostra de urina.

Heather Boyd, EUA